

## APRESENTAÇÃO

**E**m 2020 a pandemia de covid-19 atingiu todo o planeta e desde então nos impôs uma realidade totalmente diferente de tudo que as atuais gerações já haviam experimentado. Tivemos que mudar nossos hábitos diante da necessidade de adaptação ao isolamento/distanciamento social, sendo que esses fatos aconteceram em meio a outros processos, cujo espectro nos rondava.

O mundo já vivia, de forma latente, questionamentos com relação à ciência, que em muitas situações apontavam para o obscurantismo. Movimentos negacionistas de caráter anti-ciência encontraram respaldo junto a sujeitos que ocupam cargos de grande importância em vários países e se apresentam como uma renovação política. Tais ideias, porém, nada têm de novo e, de fato, representam um retrocesso na história, principalmente ao compreender a ciência como uma fonte de males sociais e/ou uma prática destinada a sujeitos seletos.

Nesse contexto, a publicação dos contos dos finalistas da quinta edição do concurso “*Cuéntame un cuento*”, dedicada à ciência no Brasil, com a qual o Museu da Vida Fiocruz teve o orgulho de colaborar, se apresenta em um momento oportuno e necessário. A publicação descortina um vislumbre sobre a importância de promovermos ações e reflexões sobre a integração entre a arte (literatura) e a ciência, aproximando suas questões do cotidiano das pessoas. O sucesso da edição denota o quanto foi acertada a escolha temática que contou com a participação de quase 400 contos procedentes de 10 países distintos, o que desafiou os membros do júri em virtude da variedade e qualidade dos textos recebidos.

O vencedor desta edição é Alysson Fabio Ferrari, com o conto “Futuro do pretérito”, no qual de uma forma original, conta o que podia ter sido, e não foi, a história de um grande cientista brasileiro imaginário. O conto nos desafia a refletir a partir de um relato ficcional como as relações sociais, e a própria relação do Estado com a sociedade assume centralidade para pensarmos o potencial que poderíamos alcançar como seres humanos e não conseguimos realizar. De forma complementar ainda deixa explícito o processo de formação de um cientista que parece tão distante do grande público.

O segundo lugar ficou para Filipi Silva de Oliveira e o relato “Caralâmpia”, no qual apresenta o trabalho da doutora Nise da Silveira, uma grande psiquiatra brasileira, que desafiou as violentas terapias aplicadas para tratamentos de transtornos mentais a meados do século XX. Nise da Silveira é um marco na história da saúde mental não apenas no Brasil, mas na América Latina. O seu método revolucionário de tratamento para os pacientes psiquiá-

tricos com o uso da arte, não apenas se tornou mundialmente reconhecido como revelou grandes talentos artísticos que impressionaram diversos críticos do campo das artes plásticas. A arte como método propiciou centralidade do afeto na terapia de Nise, humanizando a relação dos médicos com os pacientes. E nesse momento de emergência negacionista, onde o desprezo pela solidariedade e a eclosão do belicismo social ganham espaço, ver a história de Nise inspirar uma obra desse concurso é fundamental.

Aproveito para agradecer a todos os participantes, em especial aos dez finalistas destacados nessa publicação, que por sua originalidade e criatividade corroboram com o propósito da parceria entre o Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca e o Museu da Vida da Fiocruz, materializada nessa edição do concurso. Os autores publicados no livro são: Carolina Cunha Pereira Frutuozo com “Mendigos da praça da ciência”; Maria Caroline da Silva com “Rendeira”; Tarcisio Cardoso Mauad Lima com “A camisa do meu curso”; Juliana Nascimento Berlim Amorim com “Um viva”; Solano Guedes de Miranda com “O estranho sequestro de Miguel Nicoletis”; Izabella Cristina Cristo Cunha com “Máquina de lavar”; Helvécio Furtado Junior com “O dia em que o presidente comeu minha mãe”; Eduardo Emílio Maurell Müller Neto com “O último samba”; Vivian Pizzinga com “A neurose do tempo” e Alejandro Alberto Armesto Benedito com “Una idea vigente”.

Para encerrar é importante ratificar que o conjunto dos textos coaduna com a perspectiva de ciência que defendemos no Museu da Vida e que também motiva essa parceria, que aposta na indissociabilidade entre as esferas da cultura e da ciência na sociedade moderna. Nossa perspectiva de divulgar e popularizar a

ciência afirma uma ciência que se contrapõe tanto à visão de uma ciência “mítica”, onipotente e onipresente quanto à visão de uma ciência relativista que torna todo o conhecimento uma narrativa discursiva. Assim, podemos entender a ciência enquanto um processo antes de tudo social e histórico vinculado às necessidades da vida e às atividades dos seres humanos.

Aproveitem! Boa leitura!

ALESSANDRO MACHADO FRANCO BATISTA

*Museu da Vida Fiocruz.*